

UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DAS DIFERENÇAS ENTRE OS PADRÕES CONTÁBEIS DO BRASIL E DO REINO UNIDO NOS INDICADORES DE DESEMPENHO DE UMA EMPRESA MULTINACIONAL

Fábio Monterazo

Elionor Farah Jreice Weffort

Resumo:

O crescente número de empresas com atuação global traz inúmeros desafios para a contabilidade, entre eles, o de fornecer informações úteis para os gestores de empreendimentos multinacionais. Ciente desse desafio, o presente artigo tem por objetivo analisar o impacto das divergências entre os padrões contábeis do Brasil e do Reino Unido nos indicadores de desempenho de uma empresa multinacional. Para isso, foi realizado um estudo de caso em uma empresa multinacional de capital inglês, líder de mercado no seu segmento. Através de entrevistas com os usuários internos dos relatórios, na empresa brasileira do grupo, foram identificados os demonstrativos e indicadores que são normalmente utilizados na avaliação de desempenho. A partir dessas informações, foram coletados dados dos sistemas da empresa, de forma a obter demonstrativos de resultado e balanços patrimoniais em conformidade com os padrões contábeis do Brasil e Reino Unido. Para efeitos de comparação, foi calculado o ROE, pelo sistema Du Pont, com base nesses dois padrões, o que possibilitou a evidenciação das distorções nos indicadores de desempenho causadas pelas diferenças nos padrões contábeis

Palavras-chave:

Área temática: *Novas Tendências Aplicadas na Gestão de Custos*

UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DAS DIFERENÇAS ENTRE OS PADRÕES CONTÁBEIS DO BRASIL E DO REINO UNIDO NOS INDICADORES DE DESEMPENHO DE UMA EMPRESA MULTINACIONAL

RESUMO

Fábio Monterazo

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado
monterazo@msm.com

Elionor Farah Jreige Weffort

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

O crescente número de empresas com atuação global traz inúmeros desafios para a contabilidade, entre eles, o de fornecer informações úteis para os gestores de empreendimentos multinacionais. Ciente desse desafio, o presente artigo tem por objetivo analisar o impacto das divergências entre os padrões contábeis do Brasil e do Reino Unido nos indicadores de desempenho de uma empresa multinacional. Para isso, foi realizado um estudo de caso em uma empresa multinacional de capital inglês, líder de mercado no seu segmento. Através de entrevistas com os usuários internos dos relatórios, na empresa brasileira do grupo, foram identificados os demonstrativos e indicadores que são normalmente utilizados na avaliação de desempenho. A partir dessas informações, foram coletados dados dos sistemas da empresa, de forma a obter demonstrativos de resultado e balanços patrimoniais em conformidade com os padrões contábeis do Brasil e Reino Unido. Para efeitos de comparação, foi calculado o ROE, pelo sistema *Du Pont*, com base nesses dois padrões, o que possibilitou a evidenciação das distorções nos indicadores de desempenho causadas pelas diferenças nos padrões contábeis.

ÁREA TEMÁTICA: Novas Tendências Aplicadas na Gestão de Custos (14)

UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DAS DIFERENÇAS ENTRE OS PADRÕES CONTÁBEIS DO BRASIL E DO REINO UNIDO NOS INDICADORES DE DESEMPENHO DE UMA EMPRESA MULTINACIONAL

Introdução

No cenário econômico atual, concomitantemente com o crescimento no comércio internacional de bens e serviços e no fluxo de capitais, aumenta a representatividade das companhias multinacionais. Em 2002, segundo dados da UNCTAD, aproximadamente 30% das maiores economias mundiais eram representadas por multinacionais, ao invés de países.

Um dos grandes desafios da contabilidade é atender às demandas desses empreendimentos que apresentam características peculiares. Destaca-se, entre as necessidades das multinacionais, a questão da comparabilidade das informações contábeis emitidas por empresas do grupo em diversos países, cada uma elaborada de acordo com os padrões locais. Ante a necessidade de consolidar seus resultados, normalmente, as empresas que atuam de forma global determinam que suas controladas, localizadas em outros países, utilizem, na elaboração de suas demonstrações financeiras, os padrões contábeis do país de origem da controladora. Neste caso, pode ocorrer das empresas controladas possuírem dois conjuntos de demonstrações financeiras, um conforme os padrões contábeis do país onde está localizada e outro de acordo com aqueles do país da empresa controladora. Essa questão afeta diretamente os usuários da informação, dos gestores internos até os investidores do mercado de capitais. Todos eles podem se deparar com dúvidas do tipo: Afinal, quais informações devem ser adotadas para analisar o desempenho econômico financeiro da empresa, aquelas produzidas em conformidade com os padrões contábeis locais ou com os padrões do país da controladora?

Castro Neto (1998, p. 10) confirma essa preocupação: “o índice de liquidez corrente, calculado a partir do balanço patrimonial de uma empresa francesa pode ser diferente daquele calculado para a mesma empresa cujas demonstrações contábeis foram ajustadas para os padrões contábeis alemães”.

O presente estudo tem por objetivo, ainda que em caráter exploratório, investigar o impacto das diferenças entre os padrões contábeis nos indicadores de desempenho, através de um estudo de caso em uma multinacional. Por ter a empresa escolhida uma controladora de origem inglesa, o objetivo específico é avaliar o efeito causado pelas diferenças entre os padrões contábeis vigentes no Brasil e no Reino Unido sobre os indicadores de desempenho da controlada brasileira.

Justifica-se o desenvolvimento desse estudo tanto pela escassez de trabalhos, ao menos com o enfoque dado aqui, como pelas suas prováveis aplicações práticas.

São encontrados diversos trabalhos sobre indicadores de desempenho, principalmente, referentes às condições e conveniência da sua utilização. Vários também são os trabalhos que comparam normas e práticas contábeis em âmbito internacional, de forma ampla ou restrita a alguns aspectos de reconhecimento, mensuração ou evidenciação (por exemplo, Choi e Mueller, 1992; Roberts *et al.*,

1998). No entanto, pouca atenção têm sido dada ao impacto que as diferenças nos padrões contábeis podem ter sobre os indicadores de desempenho.

Mais raros, ainda, são os estudos que procuram alinhar aspectos teóricos e práticos. Fundamentada, portanto, a preocupação desse artigo em alertar os usuários para os potenciais riscos na análise das demonstrações financeiras de empresas multinacionais, através de um caso real.

Para consecução do objetivo proposto o artigo está estruturado em seções. A primeira traz um arcabouço conceitual, revisando alguns aspectos relevantes sobre os padrões contábeis ingleses e brasileiros, bem como referentes aos indicadores de desempenho. A segunda explica a metodologia de pesquisa adotada, de modo que, no futuro, outros pesquisadores possam reproduzir, replicar ou mesmo continuar nosso estudo. Os resultados obtidos, bem como sua análise, correspondem, respectivamente, às seções 3 e 4. Ao final, a conclusão com algumas sugestões para novas pesquisas.

Convém salientar que foge do escopo dessa pesquisa a análise acerca da qualidade dos padrões contábeis ingleses e brasileiros, bem como em relação aos resultados dos indicadores.

1. Arcabouço Conceitual

As informações disponibilizadas pela contabilidade provavelmente serão utilizadas pelos seus usuários – tanto internos como externos – para nortear suas estratégias e decisões, por isso é imprescindível que elas, entre outras características, sejam relevantes e confiáveis. Considerando que os indicadores empregados na avaliação de desempenho são obtidos a partir dos demonstrativos fornecidos pela contabilidade, eles são afetados pela qualidade da informação neles contida.

Na medida em que a presente pesquisa busca avaliar a relação entre a adoção de padrões contábeis diversos e os indicadores de desempenho, a seguir, é feita uma breve revisão de alguns aspectos conceituais desses tópicos relevantes para o desenvolvimento do estudo de caso na empresa selecionada.

1.1 Padrões Contábeis do Brasil e do Reino Unido

Segundo FIECAFI e Arthur Andersen (1994, p.39), “como em qualquer ramo do conhecimento, a contabilidade tem em sua base um conjunto de princípios, cuja aplicação conduz ao alcance de seus objetivos”. Esses princípios norteiam a contabilidade para que ela possa atender às necessidades de seus usuários internos e externos, qual seja, prover demonstrações contábeis que retratem a situação econômica e financeira de uma empresa.

Comumente, é utilizado o termo “GAAP- *Generally Accepted Accounting Principles*” para representar os padrões contábeis predominantes em determinado país. Note que o conteúdo dos denominados GAAPs, no entanto, não se restringe aos princípios contábeis como sua sigla parece indicar. Nos termos do *Statement 4* do APB (Accounting Principles Board):

GAAP é um termo técnico na contabilidade financeira. Os GAAP englobam as convenções, regras e procedimentos necessários para definir a prática contábil aceitável num momento particular. O padrão dos GAAP inclui não apenas um direcionamento amplo de aplicação geral, mas também práticas e procedimentos detalhados”.

A emissão destes princípios é feita por órgãos reguladores, formados por profissionais contábeis ou não. É altamente improvável que os padrões contábeis de dois países sejam iguais, uma vez que o ambiente no qual eles foram desenvolvidos é distinto. Diferenças, por exemplo, nos sistemas legal e político, no grau de desenvolvimento econômico e até mesmo fatores históricos e geográficos irão resultar em normas e práticas contábeis diversas entre os países.

Marion (2003, p.147) observa que, no Brasil, “há praticamente duas listas de Princípios Contábeis, adequadamente chamados de Princípios Fundamentais de Contabilidade: (a) estrutura conceitual básica da contabilidade; (b) normas brasileiras de contabilidade – do Conselho Federal de Contabilidade”. Conforme observado anteriormente, os padrões contábeis não ficam restritos aos princípios. Os padrões contábeis brasileiros, doravante denominados BRGAAP (*Brazilian Generally Accepted Accounting Principles*) são emanados de diversos órgãos, entre eles:

- Poder Legislativo (Lei das S.A. e Código Civil);
- Conselho Federal de Contabilidade (CFC);
- Instituto Brasileiro de Contadores (IBRACON)
- Comissão de Valores Mobiliários (CVM);
- Banco Central do Brasil;
- Secretaria da Receita Federal;
- SUSEP;
- ANEEL.

Assim como os brasileiros, os padrões contábeis do Reino Unido – a partir daqui denominados UKGAAP (*United Kingdom Generally Accepted Accounting Principles*) –, os padrões da contabilidade derivam-se de diversas fontes. O principal é o *Accounting Standards Board* (ASB) – organização do setor privado – que emite os *Financial Reporting Standards* (FRSs).

Um fato recente que afeta os padrões contábeis do Reino Unido é a exigência da União Européia de que, até 2005, todas as companhias listadas em Bolsas de Valores de seus países membros – incluído aí o Reino Unido – adotem os padrões internacionais de contabilidade, elaborados pelo IASB (*International Accounting Standards Board*).

Uma distinção significativa entre a contabilidade do Brasil e do Reino Unido decorre, especialmente, das diferenças nos sistemas legais e no *status* da profissão contábil. O traço mais marcante da contabilidade do Reino Unido é a “*True and Fair View*”, que representa, de forma simplificada, a busca pela contabilidade da essência, mesmo que em detrimento da forma, nos seus demonstrativos. A natureza legalista da contabilidade brasileira, alimentada pelo sistema legal romano-germânico, codificado, por sua vez, inibe o abandono da forma, mesmo que ela impeça uma visão, como pretendem os ingleses, “justa e verdadeira”.¹

Por não constituir o foco desse estudo, conforme mencionado anteriormente, não será estendida a análise das diferenças entre os padrões contábeis desses países.

1.2 Indicadores de Desempenho

Os indicadores financeiros são uma das formas mais conhecidas para analisar o desempenho de uma empresa. Nesse sentido, Silva (2001, p. 228):

Os índices financeiros são relações entre contas ou grupos de contas das demonstrações de financeiras que têm por objetivo fornecer-nos informações que não são fáceis de serem visualizadas de forma direta nas demonstrações financeiras.

Gitman (2001) comenta que estes indicadores são de interesse de todos os usuários das informações de uma empresa, desde os acionistas, que buscam nestes indicadores informações sobre a rentabilidade, riscos e retorno da empresa, aos credores, que estão interessados na liquidez a curto prazo da empresa e, conseqüentemente, sua capacidade de honrar seus pagamentos. A alta administração, gerentes, diretores, CEOs, buscam não só monitorar a situação econômica e financeira da empresa, bem como, produzir índices financeiros que demonstrem uma situação favorável da empresa.

É importante ressaltar que estes indicadores devem ser analisados em conjunto, uma vez que, individualmente, não são suficientes para tirar conclusões sobre a realidade global da empresa. Isso ocorre porque “a análise de índices não é meramente a aplicação de uma fórmula sobre dados financeiros para calcular um dado índice. Mais importante é a *interpretação* do valor do índice” (Gitman, 2001, p. 129)². Uma base de comparação é essencial para que se tenha uma análise eficaz dos indicadores, seja de um ou mais índices, da mesma empresa, ao longo do tempo (séries temporais), ou de um ou mais indicador de empresas diferentes no mesmo ponto no tempo (*cross-sectional*). Ou mesmo uma visão combinada de análise *cross-sectional* e de séries temporais.

Para avaliar o desempenho financeiro de uma empresa, uma alternativa viável é o sistema de análise *Du Pont*, representado, de forma exemplificativa, na figura 1.

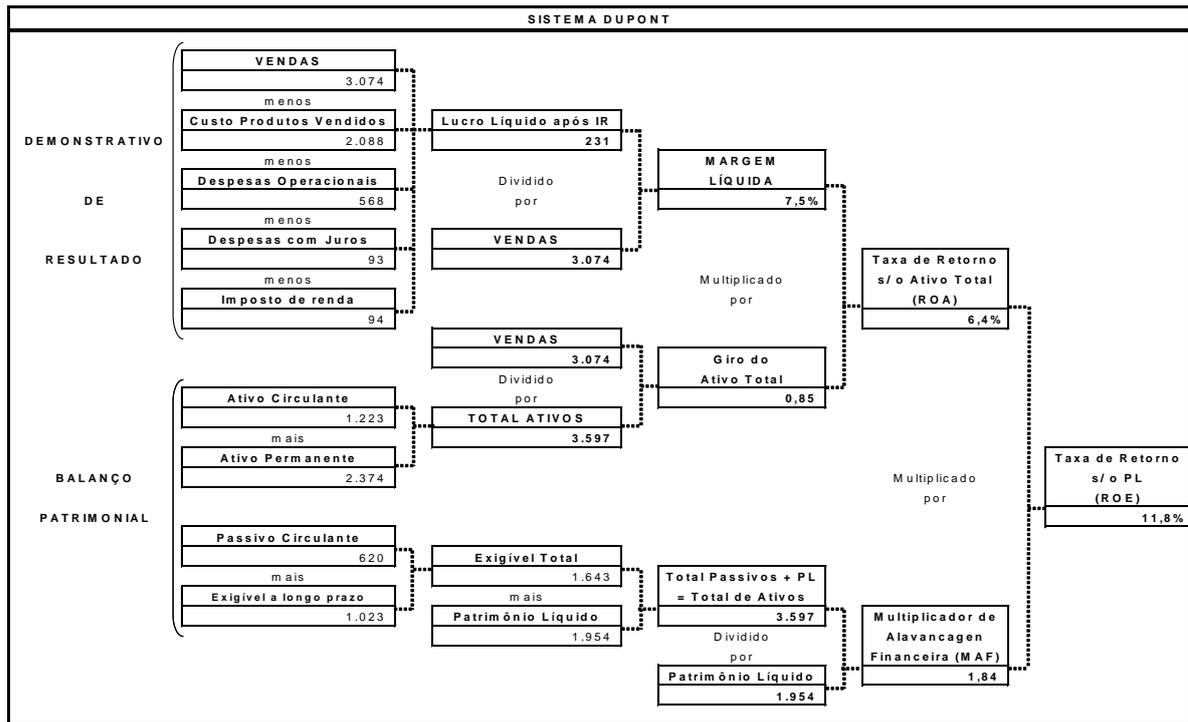


Figura 1: Exemplo do Sistema Du Pont (adaptado de Gitman, 2001, p. 146)

No presente trabalho, para efeitos de comparação dos indicadores obtidos a partir de demonstrações contábeis nos padrões brasileiros e ingleses, estará sendo utilizado o sistema de análise *Du Pont*, que engloba alguns dos principais indicadores da categoria de lucratividade, permitindo uma visão mais ampla do desempenho da empresa.

Os indicadores que farão parte deste trabalho são: Lucro Líquido (após I.R.), Margem Líquida, Giro do Ativo Total, ROA (*Return on Assets*) e ROE (*Return on Equity*). Justifica-se a escolha porque, como será visto nas próximas seções, o ROE é o indicador de lucratividade utilizado na empresa objeto do estudo, pela alta administração, para medir o desempenho. Kassai *et al.* (2000) comenta que este indicador mede a rentabilidade sobre os recursos efetivamente investidos pelos proprietários.

2. Metodologia de Pesquisa

Para consecução do objetivo proposto, optou-se por realizar um estudo de caso. “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p. 28).

A escolha para o estudo de caso recaiu sobre uma multinacional controlada por dois grupos – um de capital francês e outro de capital inglês –, cada um com 50% de participação. Dentre as inúmeras empresas do grupo, foi escolhida aquela que atua no Brasil e é líder de mercado no seu ramo de atividade, com faturamento médio anual de R\$ 600 milhões.

Impulsionou a escolha dessa empresa sua disponibilidade de colaborar com a pesquisa e o fato de que, desde dezembro de 1998, quando o grupo de capital inglês assumiu suas funções no Brasil, a empresa passou a adequar suas demonstrações financeiras, originalmente produzidas de acordo com as normas brasileiras, aos padrões contábeis do Reino Unido.

O primeiro passo foi a realização de entrevistas com os gerentes de contabilidade e de controladoria, visando identificar os demonstrativos e os indicativos financeiros utilizados por eles e por suas equipes na avaliação de desempenho da empresa. Esses gerentes são responsáveis, respectivamente, pela elaboração e divulgação dos demonstrativos segundo os padrões nacionais e pela adequação aos padrões ingleses (da controladora).

Essas entrevistas foram realizadas seguindo o estilo *focal* que Merton *et al.* (1990 *apud* Yin, 2001, p. 113) descreveram como aquela "na qual o respondente é entrevistado por um curto período de tempo – uma hora, por exemplo". Caracterizam-se, normalmente, como entrevistas espontâneas e de caráter informal.

A seguir, foram coletados os dados no sistema de informações da empresa (ERP) que possibilitaram compor os demonstrativos financeiros mais utilizados segundo declarações dos entrevistados, correspondentes aos dois últimos exercícios. O material obtido nas entrevistas também embasou a seleção dos indicadores mais utilizados para avaliação de desempenho.

Por fim, foram calculados e comparados, a partir das demonstrações segundo os padrões vigentes no Brasil e no Reino Unido, os indicadores de desempenho selecionados, utilizando o sistema *Du Pont*,

Nas próximas seções são exibidos os resultados obtidos e a correspondente análise.

3. Resultados Obtidos

As entrevistas realizadas com os gerentes de controladoria e de contabilidade indicaram que os demonstrativos financeiros mais frequentemente utilizados para análise de desempenho da empresa são o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado.

A alta administração, formada por cinco diretores operacionais – cada um administrando um segmento de negócio da empresa – utiliza os demonstrativos financeiros e os indicadores do *Balanced Scorecard*³ para analisar o desempenho do negócio. Os relatórios são consolidados pela controladoria que atua em conjunto com a alta administração na análise de desempenho do negócio.

Para obtenção dos demonstrativos financeiros foi utilizado o sistema de informações da empresa.

A partir de dezembro de 1998, a empresa brasileira passou a adotar internamente uma "contabilidade paralela", visando adaptar os relatórios, originalmente produzidos segundo a legislação brasileira, aos padrões ingleses. Sendo assim, foram criados no sistema de informações três conceitos de empresas:

- *Empresa Fiscal* – contabiliza todas as movimentações em consonância com a legislação brasileira, societária e fiscal. Os demonstrativos financeiros gerados são utilizados para divulgação nos meios de comunicação do resultado da

empresa, conforme determinado pela CVM e como base para o cálculo do imposto de renda. Esta empresa demonstra o resultado pelos padrões contábeis brasileiros.

- *Empresa Gerencial*– contabiliza os ajustes necessários para adequação aos padrões ingleses. Nessa empresa, não existe a visão do todo, ela apenas serve como controle dos lançamentos realizados para adequação da contabilidade brasileira para a inglesa.
- *Empresa Consolidada*: realiza a consolidação das duas empresas, Fiscal e Gerencial, formando o resultado Consolidado pelos padrões contábeis ingleses.

A Figura 2 mostra, de forma resumida, o sistema de informação da empresa, destacando a solução encontrada para adaptação dos padrões contábeis brasileiros, de adoção obrigatória pela legislação local, para aqueles do Reino Unido, impostos pela controladora.

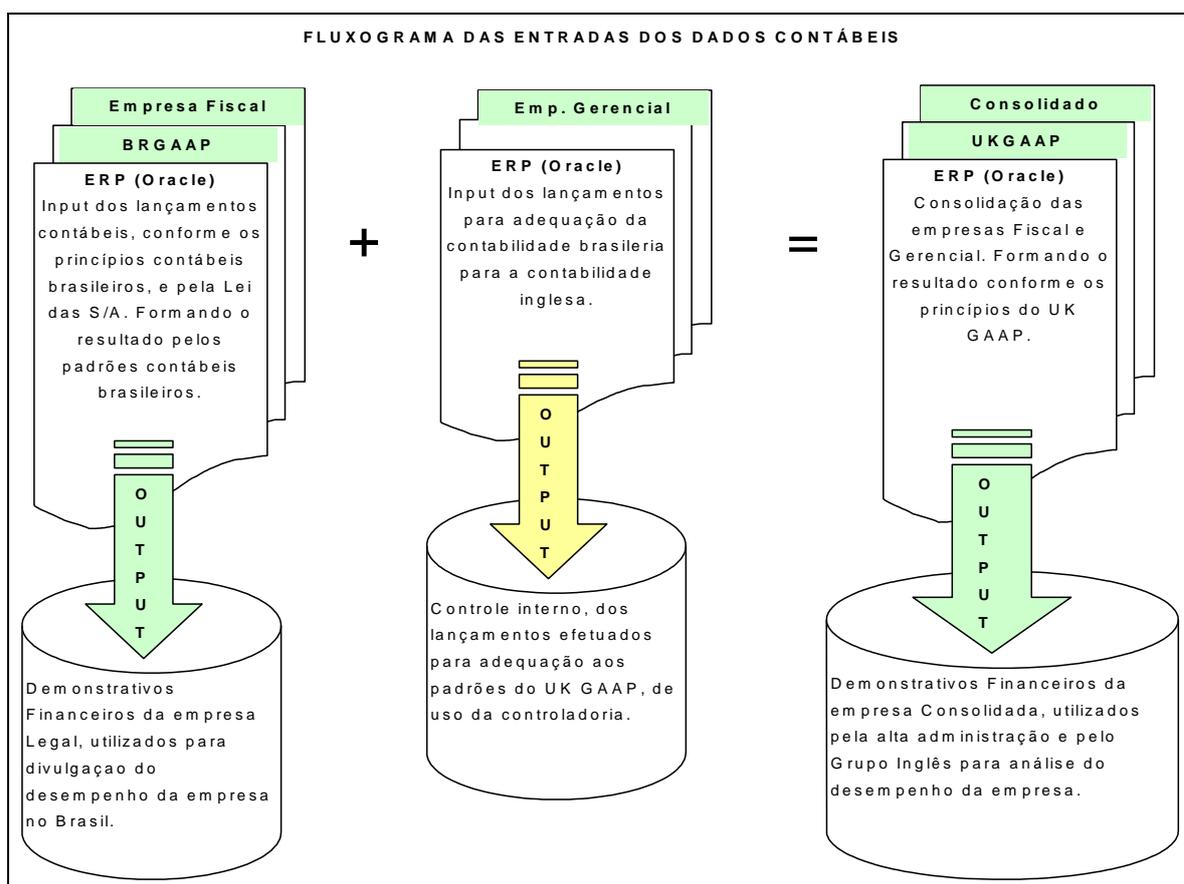


Figura 2: Fluxograma das entradas dos dados contábeis

Uma mudança importante nos sistemas de informações refere-se às datas de fechamento de balanço, ou dos períodos contábeis. No Reino Unido, o ano fiscal ocorre entre outubro a setembro, enquanto, no Brasil, ocorre entre janeiro a dezembro. Portanto, o sistema de informações está preparado para realizar dois fechamentos de balanços, em setembro e em dezembro. Optou-se por utilizar em

nossa análise, os dois últimos exercícios, considerando os períodos compreendidos entre outubro e setembro inclusive para os padrões brasileiros.

Foram coletados os Balanços Patrimoniais e os Demonstrativos de Resultado⁴, dos períodos de Outubro de 2001 a Setembro de 2002 e de Outubro de 2002 a Setembro de 2003, das “empresas” Fiscal e Consolidada, correspondendo respectivamente aos padrões do Brasil e do Reino Unido.

3.1 Demonstrativos segundo os Padrões Contábeis do Brasil (BRGAAP)

Os dados da “empresa” fiscal, como já mencionado, referem-se ao da contabilidade baseada nos padrões brasileiros e tem como principais usuários da informação:

- Gerente de contabilidade: análise do Imposto de Renda, auditorias externas, divulgação nos veículos de massa, conforme solicitado pela CVM;
- Gerente da área fiscal: análise dos dados para atender à legislação fiscal;
- Usuários externos: fornecedores, investidores, etc.

Foram coletados dados do período de outubro a setembro – não coincidente com o ano fiscal prescrito na legislação brasileira, para possibilitar a comparação com os demonstrativos segundo os padrões contábeis ingleses – exibidos nos quadros 1 e 2.

**Quadro 1 – Demonstrativo de Resultado
(BRGAAP)**

DEMONSTRATIVO DE RESULTADO - BRGAAP				
EMPRESA FISCAL				
Em R\$ mil	Out/02_Set03		Out/01_Set02	
RECEITA LÍQUIDA TOTAL	592.962		500.163	
MATÉRIA PRIMA LÍQUIDA	(273.904)	-46%	(225.448)	-45%
MÃO DE OBRA LÍQUIDA	(240.066)	-40%	(205.083)	-41%
OUTRAS DESPESAS	(71.841)	-12%	(55.841)	-11%
AMORTIZAÇÃO/DEPRECIÇÃO	(12.182)	-2%	(10.209)	-2%
RES. ANTES DO I.R.	(5.031)	-1%	3.582	1%
I.R.	(321)	0%	(3.361)	-1%
RESULTADO LÍQUIDO	(5.352)	-1%	220	0%

Quadro 2 – Balanço Patrimonial (BRGAAP)

BALANÇO PATRIMONIAL - BRGAAP					
EMPRESA FISCAL					
Em R\$ mil	Out/02_Set03	Out/01_Set02	Em R\$ mil	Out/02_Set03	Out/01_Set02
ATIVO CIRCULANTE	107.613	88.010	PASSIVO CIRCULANTE	104.262	79.766
Caixa / Bancos	16.757	23.122	Fornecedores	50.387	33.271
Clientes	45.006	37.084	Obrigações Com Pessoal	34.022	29.613
Estoques	17.184	5.753	Obrigações Tributárias	10.210	10.689
Outros Valores	28.666	22.051	Outros Valores	9.643	6.193
EXIGÍVEL Á LONGO PRAZO	-	-	EXIGÍVEL Á LONGO PRAZO	-	533
ATIVO PERMANENTE	39.896	42.153	PATRIMÔNIO LIQUIDO	43.248	49.865
Investimentos	23.438	23.076	Capital + Reservas	39.238	39.238
Intangível - Depreciação	93	112	Lucros/Prej. Acumulados	9.361	10.406
Tangível - Depreciação	16.479	15.872		-	-
Diferido - Amortização	(114)	3.094	Resultado do Exercício	(5.352)	220
TOTAL DO ATIVO	147.509	130.164	TOTAL DO PASSIVO	147.509	130.164

3.2 Demonstrativos segundo os Padrões Contábeis do Reino Unido(UKGAAP)

A consolidação das “empresas” Fiscal com a Gerencial dá origem aos demonstrativos financeiros segundo os padrões contábeis da controladora inglesa e tem como principais usuários:

- Alta administração: análise de desempenho da empresa, base para orçamentos e para o *Balanced Scorecard*;
- Acionistas: análise de desempenho da empresa.

Os quadros 3 e 4 trazem os demonstrativos em consonância com os padrões contábeis ingleses, no período de outubro de 2001 a setembro de 2003, correspondendo, portanto, aos dois últimos exercícios.

Quadro 3 – Demonstrativo de Resultado (UKGAAP)

DEMONSTRATIVO DE RESULTADO - UKGAAP					
EMPRESA CONSOLIDADA					
Em R\$ mil	Out/02_Set03		Out/01_Set02		
RECEITA LÍQUIDA TOTAL	594.376		501.944		
MATÉRIA PRIMA LÍQUIDA	(276.575)	-47%	(223.205)	-44%	
MÃO DE OBRA LÍQUIDA	(235.932)	-40%	(204.144)	-41%	
OUTRAS DESPESAS	(64.540)	-11%	(50.292)	-10%	
AMORTIZAÇÃO/DEPRECIÇÃO	(8.206)	-1%	(5.429)	-1%	
RES. ANTES DO I.R.	9.123	2%	18.873	4%	
I.R.	(1.458)	0%	(7.250)	-1%	
RESULTADO LÍQUIDO	7.665	1%	11.623	2%	

Quadro 4 – Balanço Patrimonial (UKGAAP)

BALANÇO PATRIMONIAL - UKGAAP					
EMPRESA CONSOLIDADA					
Em R\$ mil	Out/02_Set03	Out/01_Set02	Em R\$ mil	Out/02_Set03	Out/01_Set02
ATIVO CIRCULANTE	112.020	88.852	PASSIVO CIRCULANTE	106.969	83.289
Caixa / Bancos	16.757	23.122	Fornecedores	50.387	33.271
Clientes	45.006	37.084	Obrigações Com Pessoal	34.022	29.613
Estoques	17.323	5.753	Obrigações Tributárias	10.197	10.660
Outros Valores	32.934	22.892	Outros Valores	12.362	9.745
EXIGÍVEL Á LONGO PRAZO	-	-	EXIGÍVEL Á LONGO PRAZO	-	533
ATIVO PERMANENTE	54.504	47.784	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	59.554	52.813
Investimentos	17.424	17.424	Capital + Reservas	2.257	2.257
Intangível - Depreciação	(14.158)	(14.737)	Lucros/Prej. Acumulados	49.632	38.934
Tangível - Depreciação	23.922	21.648	Resultado do Exercício	7.665	11.623
Diferido - Amortização	27.316	23.449			
TOTAL DO ATIVO	166.523	136.636	TOTAL DO PASSIVO	166.523	136.636

Esses dados são utilizados, na próxima seção, para cálculo e comparação dos os indicadores de desempenho.

4. Análise dos Resultados

Os indicadores de desempenho foram calculados separadamente a partir dos dois conjuntos de demonstrações financeiras—BRGAAP e UKGAAP— e evidenciados no modelo *Du Pont*.

Esse modelo abriga tanto a Demonstração de Resultado da empresa—das vendas até o lucro líquido—, como o Balanço Patrimonial; o que possibilita visualizar em um único demonstrativo os seguintes indicadores: Margem Líquida, Giro do Ativo total, ROA e o ROE.

Nas figuras 3 e 4, são apresentados os indicadores, por meio do modelo *Du Pont*, para o período de outubro de 2001 a 2002, segundo os padrões brasileiros e os ingleses , respectivamente.

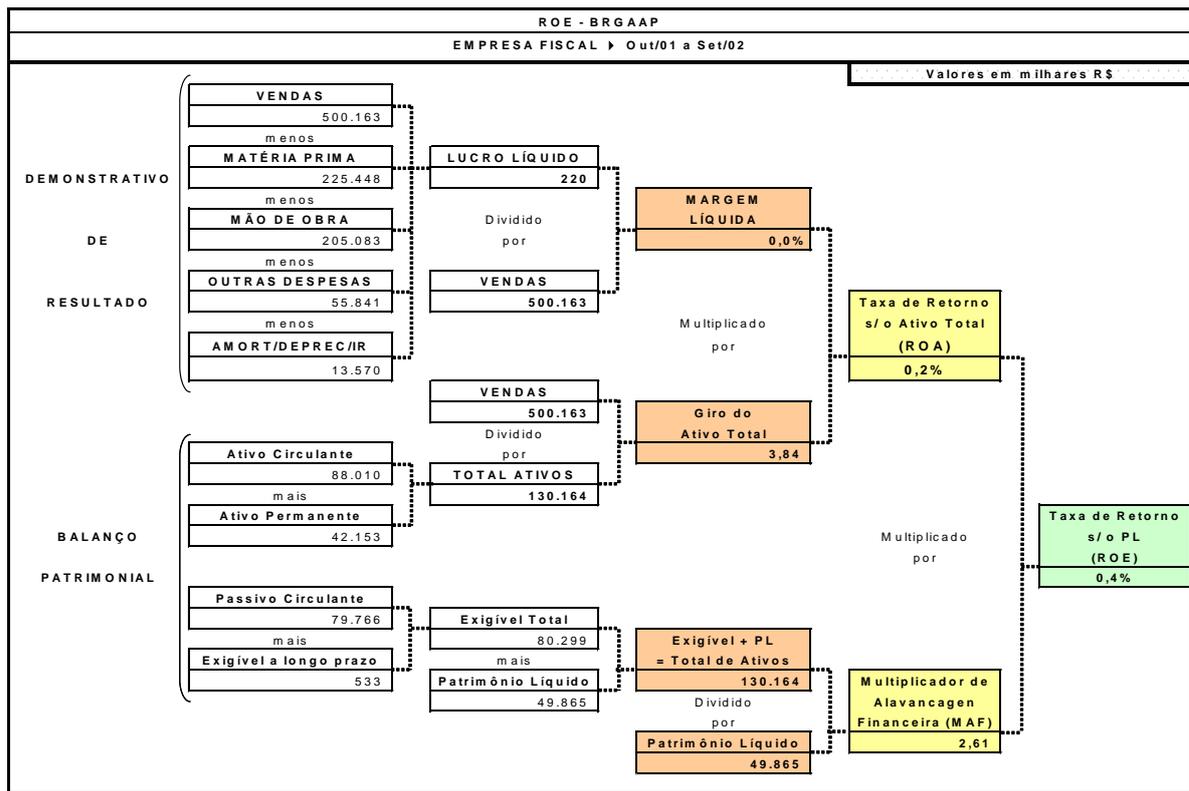


Figura 3 – Indicadores de Desempenho segundo os BRGAAP (Período: 10/2001 a 09/2002)

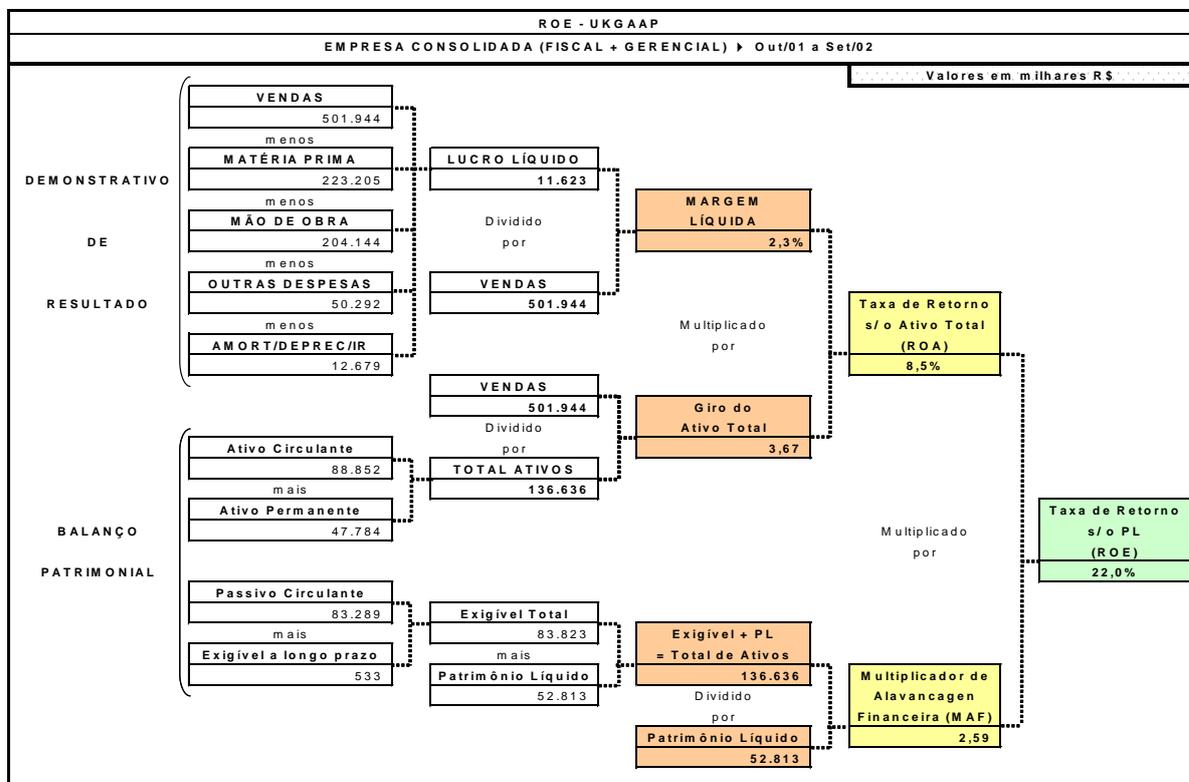


Figura 4 – Indicadores de Desempenho segundo os UKGAAP (Período: 10/2001 a 09/2002)

No período de outubro de 2001 a setembro de 2002, percebe-se claramente uma variação significativa no lucro líquido calculado de acordo com os padrões brasileiros e ingleses.

A observação do quadro 5 indica que essa diferença no lucro líquido não está concentrada em uma única rubrica, mas distribuída entre elas ainda que de forma não eqüitativa. A maior variação encontra-se na rubrica “outras despesas”, que apresentou uma variação entre os GAAP’s de R\$ 5.548 mil.

Quadro 5 – Comparação do Resultado de Exercício segundo os padrões do Brasil e do Reino Unido (Período: 10/2001 a 09/2002)

COMPARATIVO RUBRICAS DO DEMONSTRATIVO DE RESULTADO BRGAAP x UKGAAP				
(R\$ MIL)	Out/01 a Set/02			
	BRGAAP	UKGAAP	Variação	
			UK - BR	UK / BR
VENDAS	500.163	501.944	1.781	0,36%
MATÉRIA PRIMA	225.448	223.205	(2.243)	-0,99%
MÃO DE OBRA	205.083	204.144	(939)	-0,46%
OUTRAS DESPESAS	55.841	50.292	(5.548)	-9,94%
AMORT/DEPREC	10.209	5.429	(4.780)	-46,82%
I.R.	3.361	7.250	3.889	115,70%
LUCRO LÍQUIDO	220	11.623	11.402	5174,96%

No Balanço Patrimonial, as maiores variações ocorrem no Ativo Permanente e no Patrimônio Líquido, no último, naturalmente, em virtude da alta variação no resultado líquido, comentada anteriormente.

O efeito dessas diferenças no Resultado do Exercício e nas contas do Balanço Patrimonial sobre os indicadores de desempenho pode ser visualizado no quadro 6.

Quadro 6 – Comparação dos Indicadores de Desempenho segundo os padrões do Brasil e do Reino Unido (Período: 10/2001 a 09/2002)

COMPARATIVO ÍNDICES DE LUCRATIVIDADE BRGAAP x UKGAAP				
	Out/01 a Set/02			
	BRGAAP	UKGAAP	Variação	
			UK - BR	UK / BR
LUCRO LÍQUIDO (R\$ MIL)	220	11.623	11.402	5174,96%
MARGEM LÍQUIDA	0,04%	2,32%	2,27	5156,25%
GIRO DO ATIVO TOTAL	3,84	3,67	(0,17)	-4,40%
ROA	0,17%	8,51%	8,34	4925,10%
ROE	0,44%	22,01%	21,57	4880,49%

Impressionante o impacto que a adoção de diferentes padrões contábeis pode causar nos indicadores de desempenho de uma empresa. Percebe-se que as variações podem ultrapassar cinco mil por cento! Por exemplo, o índice do ROE, que mede o retorno do acionista, é quase zero quando calculado a partir das demonstrações elaboradas segundo as normas brasileiras, enquanto que, se fundado nas normas inglesas, trabalha-se com um índice mais aceitável de remuneração –de 22,01% –, bem próximo à taxa de oportunidade da empresa.

Adotou-se o mesmo procedimento para o período de outubro de 2002 a setembro de 2003. Nas figuras 5 e 6, fazendo uso do modelo *Du Pont*, são exibidos os resultados do cálculo dos indicadores, tanto nos padrões do Brasil como do Reino Unido.

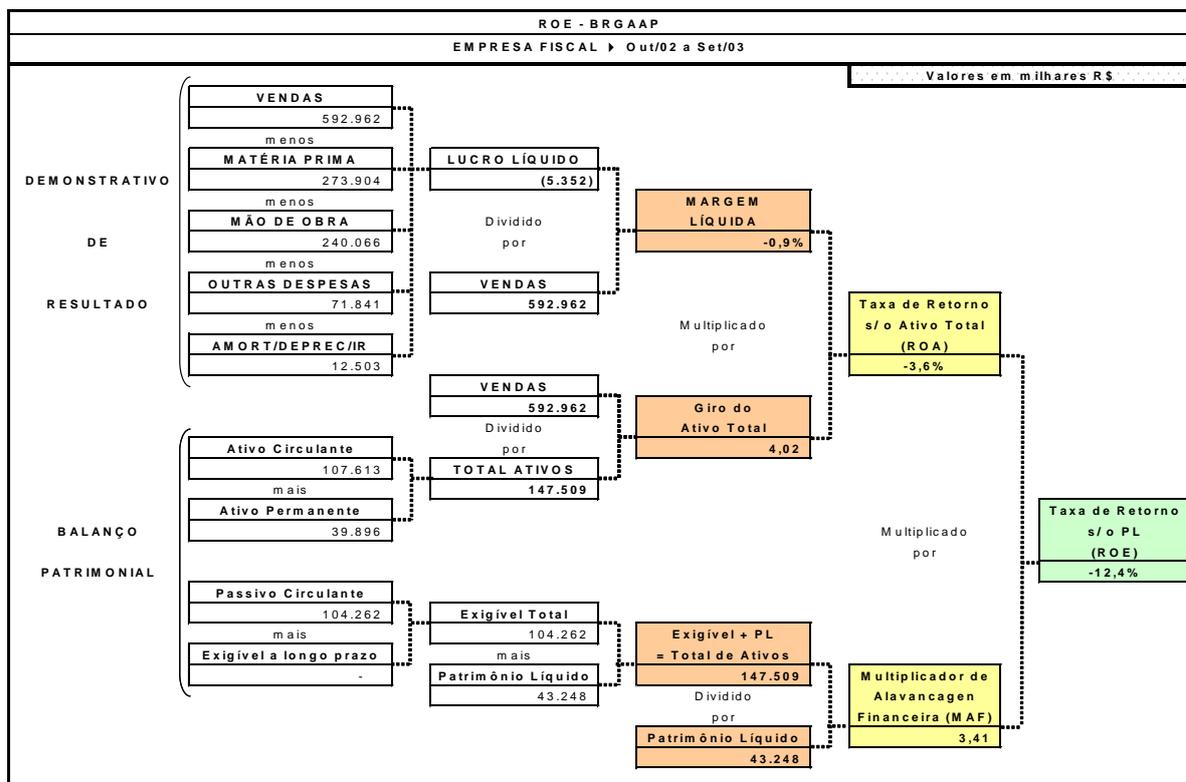


Figura 5 – Indicadores de Desempenho segundo os BRGAAP (Período: 10/2002 a 09/2003)

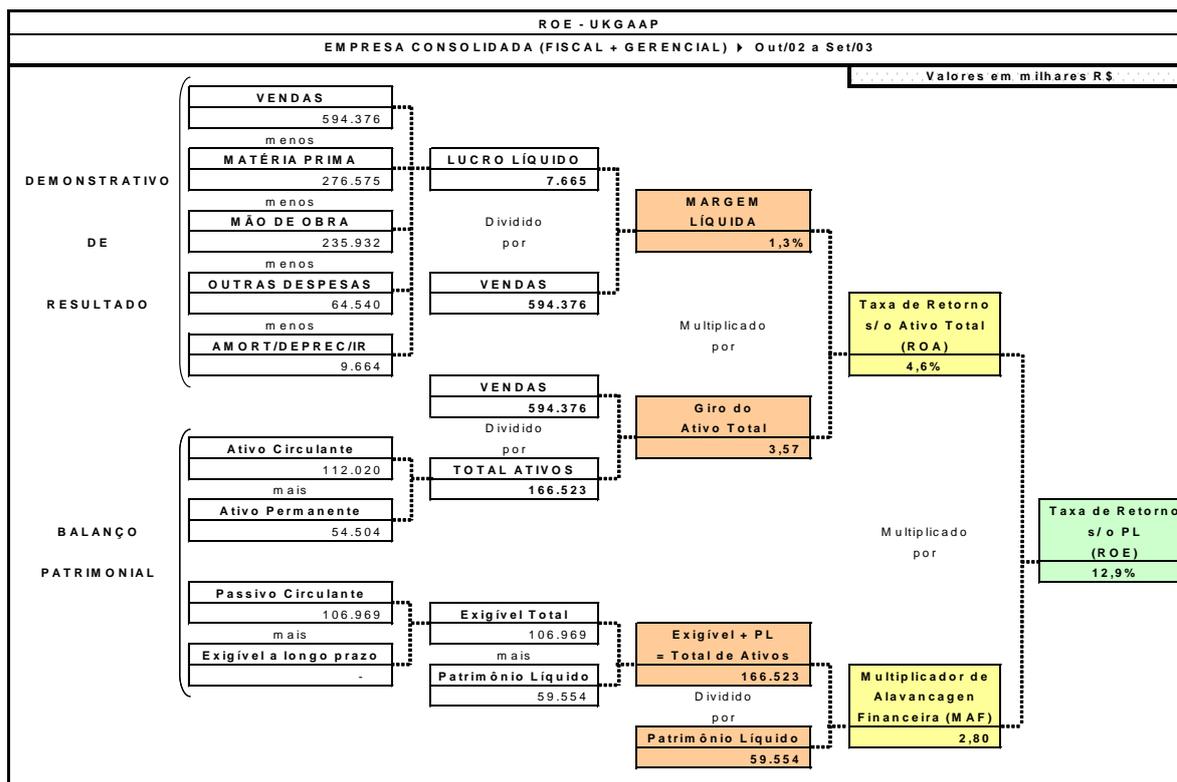


Figura 6 – Indicadores de Desempenho segundo os UKGAAP (Período: 10/2002 a 09/2003)

Comparando com o exercício anterior – outubro de 2001 a setembro de 2002 – a alta variação no Lucro Líquido é mantida no período de outubro de 2002 a setembro de 2003. Presume-se, no entanto, que o impacto para o analista tem um significado maior pois enquanto no período anterior tínhamos as duas posições operando no “azul”, neste período, temos a empresa fiscal trabalhando no prejuízo. Um resultado líquido deficitário contra um superavitário causa reflexos significativos nos demais índices de lucratividade.

O quadro 7 evidencia as discrepâncias encontradas nos indicadores de desempenho para o período de outubro de 2002 a setembro de 2003, possibilitando sua confrontação com o quadro 6, referente ao período anterior.

Quadro 7 – Comparação dos Indicadores de Desempenho segundo os padrões do Brasil e do Reino Unido (Período: 10/2002 a 09/2003)

COMPARATIVO ÍNDICES DE LUCRATIVIDADE				
BRGAAP x UKGAAP				
	Out/02 a Set/03			
	BRGAAP	UKGAAP	Variação	
			UK - BR	UK / BR
LUCRO LÍQUIDO (R\$ MIL)	(5.352)	7.665	13.017	-243,23%
MARGEM LÍQUIDA	-0,90%	1,29%	2,19	-242,89%
GIRO DO ATIVO TOTAL	4,02	3,57	(0,45)	-11,21%
ROA	-3,63%	4,60%	8,23	-226,87%
ROE	-12,37%	12,87%	25,25	-204,01%

Em contato com o gerente de controladoria, procurou-se identificar, mesmo sem maiores detalhes, por não ser esse o objeto de estudo desse artigo, quais as

possíveis causas para as distorções encontradas nos indicadores. Com o mesmo intuito, foi contatado o gerente de contabilidade. Os seguintes itens foram apontados, como possíveis causadores destas distorções:

- Amortização do ágio;
- Uniformes e utensílios;
- Operações de *leasing*.

No período analisado, tem-se uma forte influência da amortização do ágio das aquisições e incorporações ocorridas entre os anos de 1998 a 2000. Devido aos altos valores envolvidos, pode-se afirmar que esse é o grande fator de distorção dos resultados apresentados. Esta variação ocorre devido ao prazo de amortização permitido pela legislação brasileira ser muito inferior aquele das regras inglesas. No Brasil, de acordo com a Lei Fiscal, estes investimentos devem ser amortizados em um prazo superior a cinco anos, mas inferior a dez anos, enquanto que, de acordo com as normas do Reino Unido, o prazo para amortização é de vinte anos. Portanto, existe uma diferença de quinze anos entre os dois padrões que efetivamente distancia os resultados e afeta os indicadores.

Além disso, em conformidade com as normas brasileiras, os gastos com uniformes e utensílios são considerados como despesa do exercício, portanto, lançados diretamente no resultado. Na contabilidade inglesa, por outro lado, esses itens são ativados e amortizados respectivamente em seis e trinta meses.

Com relação às operações de *leasing*, as diferenças ocorrem porque, em conformidade com as normas brasileiras elas são diretamente lançadas no resultado e, seguindo os padrões ingleses, esses bens devem ser considerados como ativos e depreciados em 120 meses.

Conclusão

Esta pesquisa se propôs a analisar os impactos das diferenças entre os padrões contábeis brasileiros e ingleses nos indicadores de desempenho de uma empresa multinacional, através de um estudo de caso.

Foram realizadas entrevistas e coletados os dados contábeis da empresa para o período de outubro de 2001 a setembro de 2003, o que corresponde a dois exercícios de acordo com os padrões ingleses.

A partir desses dados, foram calculados dois conjuntos de indicadores financeiros, um para as demonstrações segundo os padrões do Brasil e outra para aquelas no padrão do Reino Unido.

Variações relevantes podem ser percebidas nos dois períodos analisados, em praticamente todos os indicadores. Por exemplo, o ROE, importante indicador de retorno do acionista, apresentou, no primeiro exercício, uma variação de 4.880,49% e, no exercício seguinte, de -204,01%, sendo que, no BRGAAP teve um ROE negativo de 12,37%, contra um ROE positivo de 12,87% no UKGAAP.

Diante dos resultados obtidos, confirma-se que as diferenças nos padrões contábeis entre os países afetam de maneira significativa os indicadores de desempenho. Ainda que tenha sido realizada em caráter exploratório, o presente estudo pode servir de alerta para os usuários das demonstrações contábeis quanto aos riscos na análise de empreendimentos multinacionais, sobretudo para aqueles pouco familiarizados com outros padrões estrangeiros.

Nesse sentido, Gernom e Meek (2001:63) alertam que:

as práticas financeiras [...] e a tomada de decisões de negócios variam no mundo e os usuários das demonstrações financeiras estrangeiras devem compreender como o ambiente de negócios no país da empresa afeta seus relatórios financeiros. Isso é especialmente crítico se o usuário estiver comparando os números contábeis de companhias de diferentes culturas.

Os esforços de harmonização internacional das práticas contábeis, liderados pelo IASB (*International Accounting Standards Board*) podem reduzir os riscos, na medida em que aproximam as práticas contábeis dos países.

Futuras pesquisas podem estender nosso estudo para explorar razões que determinam a escolha pelo usuário do padrão de determinado país para análise. No estudo de caso realizado, foi identificado que apesar dos padrões contábeis brasileiros serem utilizados para divulgar o resultado da empresa no Brasil, por exigência legal, em nenhum momento eles são eleitos pela alta administração para analisar o desempenho da empresa. Será que os resultados obtidos através dos padrões contábeis brasileiros não refletem a realidade? Ou isso ocorre apenas por imposição da empresa controladora? Outros estudos também podem abranger um número maior de multinacionais, com empresas controladoras e filiais de outros países além daqueles analisados aqui.

Referências Bibliográficas

- CASTRO NETO, J. L.. Tese de Doutorado: *Contribuição ao estudo da prática harmonizada da contabilidade na União Européia*. 1998. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade / USP, São Paulo.
- CHOI, F. D. S., MUELLER, G. G.. *International accounting*. 2. ed.. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1992.
- FIPECAFI/Arthur Andersen. *Normas e práticas contábeis no Brasil*. 2. ed.. São Paulo: Atlas, 1994.
- GERNON, H.; MEEK, G. K.. *Accounting: an international perspective*. 5.. ed. Boston: Irwin McGraw-Hill, 2001.
- GITMAN L. J.. *Princípios de administração financeira*. 2. ed.. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- IUDÍCIBUS, S.. *Teoria da contabilidade*. 6. ed.. São Paulo: Atlas, 2000.
- JREIGE, E. F.. True and fair view: um entrave ou um impulso para a contabilidade? *Caderno de Estudos*, v. 10, n. 17, p. 35-46, janeiro/abril 1998.
- KASSAI, J. R. [et al.]. *Retorno de Investimento: abordagem matemática e contábil do lucro empresarial*. 2. ed.. São Paulo: Atlas, 2000.
- LEE, T.. An international view of the true and fair accounting. *Accounting and Business Research*, p. 87-88, 1995.
- MARION, J. C.. *Contabilidade empresarial*. 10. ed.. São Paulo: Atlas, 2003.
- _____; IUDÍCIBUS, S. ; PEREIRA, E.. *Dicionário de Termos de Contabilidade*. 2. ed.. São Paulo: Atlas, 2003.
- ROBERTS, C.; WEETMAN, P.; GORDON, P.. *International financial accounting: a comparative approach*. London: Financial Times Professional, 1998.
- RUTHERFORD, B. A. The true and fair view doctrine: a search for explication. *Journal of Business Finance & Accounting*, p. 483-494, Winter 1985.
- SILVA, J. P.. *Análise financeira das empresas*. 5. ed.. São Paulo: Atlas, 2001.
- UCTDA. *100 Economies*. Disponível em: <www.unctda.org>. Acesso em 12 ago. 2002
- WALKER, M.; TSALTA, A. *Corporate Financial Disclosure and Analyst Forecasting Activity: preliminary evidence for the UK*. London: Certified Accountants Educational Trust, 2001. Disponível em <http://www.portoweb.com.br/anmatra/ribas.htm>. Acesso em: 10 mai 2001.
- YIN, R. K.. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2 ed.. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Notas de Fim

¹ Para um maior detalhamento da contabilidade do Reino Unido, sugere-se a consulta de Walker e Tsalta, 2001; Jreige, 1998; Lee, 1995; Rutherford, 1985.

² Gitman (2001) divide os índices financeiros em quatro categorias básicas: índices de liquidez, índices de atividade, índices de endividamento e índices de lucratividade.

³ O *balanced scorecard* pode, em linhas gerais, ser definido como um “painel de indicadores estratégicos. Método de avaliar o desempenho de uma empresa por meio de quatro perspectivas: financeira; processos internos; clientes e aprendizagem e crescimento.” (Marion, Iudícibus e Pereira, 2003, p. 29).

⁴ Visando facilitar o entendimento do trabalho, algumas contas foram consolidadas, sem que a análise fosse prejudicada.